

**TRAÇOS NO TEMPO - CALIGRAFIA, FORMAS E SENTIDOS.***Luciane Sgarbi Santos Grazziotin*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Universidade de Caxias do Sul*Carla Rodrigues Gastaud*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**RESUMO**

O trabalho examina, através da análise de um caderno de caligrafia escrito por uma aluna do 4º ano primário da Escola Duque de Caxias, do município de Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brasil, cidade situada nos Campos de Cima da Serra, à 270km da capital do estado. O caderno, como índice expressivo da cultura escolar, foi preenchido em 1943, ano em que teve uso corrente na escola primária. A análise detém-se, entre outros aspectos, nos aspectos externalistas deste artefato cultural e pedagógico, particularmente na análise das relações entre o conteúdo das frases/palavras que servem como exercícios de caligrafia e o contexto social, político e cultural da época, em uma produção de sentido desejada, que está presente nos “enunciados” propostos pelo professor e reproduzidos pela aluna. Aspectos relativos a uma análise internalista, como a materialidade do caderno, questões gráficas da escrita, capa, tipo de letra, ferramenta utilizada para a escrita, também são analisados, considerando com Roger Chartier, que o objeto não existe para além de seu suporte. A cidade de Bom Jesus, colonizada por imigrantes Alemães e italianos, juntamente com portugueses, em sua maioria vindos de Santa Catarina, configura-se sem um predomínio étnico acentuado. Em 1943, o acesso à cidade era difícil, a viagem da capital do Estado até o município demorava em média dois dias, havia que dormir no caminho, os jornais demoravam a chegar, não existia livraria. O rádio cumpria um importante papel, pois através dele o mundo chegava à comunidade: O Repórter Esso, a Rádio Nacional, a Rádio El Mundo, traziam notícias da guerra e do Brasil. Não há registros da Escola Duque de Caxias, primeira escola particular da cidade, nos arquivos do município. A primeira referência à escola apareceu em entrevista da professora Rosa Maria Rosa, autora do caderno de caligrafia, depoimento que integra o Acervo Municipal de Memória Oral, do Arquivo Histórico de Bom Jesus. Outros depoimentos corroboram as informações sobre a escola Duque de Caxias e seu proprietário, o professor João Telatin. A escola, que funcionou somente na década de 40, tinha caráter misto e oferecia a possibilidade de internato para alunos que vinham de outras localidades. O caderno de caligrafia fazia parte do material escolar utilizado na época. Foram inventariadas trinta e duas frases, agrupadas conforme seu conteúdo, destacando-se frases patrióticas, moralizantes e prescritivas, examinadas pelo estudo. As frases mostram que, além do objetivo de tornar a escrita “parelha” e “mais bonita”, não se desprezava a oportunidade de, através do conteúdo das frases designadas para o exercício da caligrafia, imprimir nos alunos sentidos, formas de ser e de pensar. Entretanto, não se ignoram as muitas e diferentes formas de apropriação possíveis por parte das crianças que fizeram uso de cadernos de caligrafia. Estando o país em guerra, pode-se pensar que as frases de conteúdo patriótico cumprem duplo papel: desenvolver nos alunos o sentimento patriótico e reafirmar para o professor italiano, seu próprio pertencimento e lealdade à pátria de adoção. O caderno de caligrafia possibilita refletir sobre como, a partir de práticas escolares, se dá a produção de um sujeito com virtudes cívicas e patrióticas, numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, em um período emblemático da política de nacionalização do ensino. Oferece também a possibilidade de se perceber como o mundo se inscreve na sala de aula, colocando personalidades e “fatos” da história - Getúlio Vargas, Ernesto Dorneles, o navio Itagiba - na tarefa mecânica da caligrafia.

## TRABALHO COMPLETO

“nada desperta em mim mais saudades que o jogo das letras. [...] Acomodavam-se elegantes no atril inclinado, cada qual perfeita, e ficavam ligadas umas às outras segundo a regra de sua ordem, ou seja, a palavra da qual faziam parte como irmãs. [...] Admirava-me como tanta modéstia podia coexistir com tanta magnificência. Era um estado de graça. E minha mão direita que, obedientemente, se esforçava por obtê-lo, não conseguia.” (W. Benjamin)

Esse trabalho examina um caderno de caligrafia escrito por uma aluna do 4º ano primário da Escola Duque de Caxias, do município de Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brasil, cidade situada nos Campos de Cima da Serra, a 270km da capital do estado. O caderno, como indício expressivo da cultura escolar, foi preenchido em 1943, tempo em que o exercício da caligrafia era uso corrente na escola primária. A análise detém-se, entre outros, nos aspectos externalistas desse artefato cultural e pedagógico. Particularmente, na análise das relações entre o conteúdo das frases ou palavras que servem para os exercícios de caligrafia e o contexto social, político e cultural da época, com uma produção de sentido desejada, presente nos “enunciados” propostos pelo professor e reproduzidos pela aluna. Aspectos relativos a uma análise internalista, como a materialidade do caderno, questões gráficas da escrita, capa, tipo de letra, ferramenta utilizada para a escrita, também são analisados.

A cidade de Bom Jesus, colonizada por imigrantes alemães, italianos e portugueses, não apresenta um predomínio étnico acentuado. A cidade teve início como núcleo de passagem para os tropeiros que conduziam gado a caminho de São Paulo, no final do século XVIII, e ali encontravam abrigo e pastagens. O primeiro povoado iniciou em 1878, com a criação da Capela de Bom Jesus do Bonfim pelos açorianos que se juntaram aos bugres já habitantes da região. Os alemães começaram a chegar em 1893, os italianos na década seguinte. A emancipação se deu em 1913.<sup>1</sup>

Em 1943, o ano do caderno de caligrafia, o acesso à cidade era difícil, a viagem da capital do Estado até o município demorava em média dois dias, havia que dormir no caminho. Os jornais demoravam a chegar. O rádio cumpria um importante papel, através dele o mundo chegava à comunidade: O Repórter Esso, a Rádio Nacional, a Rádio El Mundo de Buenos Aires, traziam notícias da guerra e do Brasil.

Como diz Chauí, o Estado fascista e populista

[...] usava diretamente os meios de comunicação: os programas (de rádio) deviam “decantar as belezas naturais do país, descrever as características pitorescas das regiões e cidades, irradiar cultura, enaltecer as conquistas do homem em todas as atividades, incentivar relações comerciais” e,

---

<sup>1</sup> Para saber mais sobre a formação do município, ABREU, Ennio Farias e ABREU, Marisa da Costa, Bom Jesus - histórias de uma cidade. Caxias do Sul: UCS-EST, 1977; ABREU, Ennio Farias e ABREU, Marisa da Costa. Bom Jesus – duas épocas. Caxias do Sul: UCS-EST, 1981 e SANTOS, Lucila Sgarbi; MACIEL Vera Lúcia Maciel (orgs). Bom Jesus na Rota do tropeirismo no Cone Sul.: EST 2004

voltando-se para o homem do interior, contribuir "para seu desenvolvimento e sua integração na coletividade nacional". (2000, p.37)

A Escola Duque de Caxias - o nome da escola já faz alusão ao herói imperial da integração nacional, exaltado pelo Estado Novo - primeira escola particular da cidade, não tem registros nos arquivos do município. A primeira referência à sua existência apareceu no depoimento da professora Rosa Maria Rosa, autora do caderno de caligrafia, colhido para integrar o Acervo Municipal de Memória Oral, do Arquivo Histórico de Bom Jesus. Outros depoimentos corroboraram as informações sobre a escola Duque de Caxias e seu proprietário, o professor João Telatin.

D. Clotilde Camargo Grazziotin relata em sua entrevista<sup>2</sup> que

o professor era Seu João Telatin, a aula era particular, o professor lecionava na cidade para muitos alunos e vinha pra fazenda dar aula só pra mim, com 12 anos fui para o internato em Vacaria, a aulas do professor Telatin permitiram que eu acompanhasse o internato.

A Escola Duque de Caxias funcionou somente na década de 40, tinha caráter misto e oferecia a possibilidade de internato para alunos que vinham de outras localidades. Em seu depoimento ao Arquivo Histórico de Bom Jesus, Rosa conta suas experiências escolares, que foi alfabetizada em casa pela mãe, que veio para Bom Jesus onde estudou com o Prof. Telatin e sua esposa até o admissão, e oferece detalhes sobre o casal de professores e sobre a Escola Duque de Caxias,

"eles moravam em cima, embaixo tinha duas salas de aula, uma cozinha e o banheiro. [...] Faziam festas de páscoa, piquenique - a gente ia de ônibus. Tinha São João com fogueira e tudo. [...] Eles eram católicos, preparavam para a primeira comunhão e crisma, eram bem amigos do Padre Geraldo. Tinham compromisso com as crianças de baixa renda – meninas bem pobrezinhas estudavam lá. [...] A escola era bem estruturada, tinha biblioteca, os cadernos eram timbrados, os alunos desfilavam no sete de setembro, tinha hora cívica."

Em entrevista posterior, D. Rosa contou que os castigos físicos, relatados por tantos alunos da época não eram empregados naquela escola, "*no máximo saíam da sala de aula por algum tempo para pensar*". Indagada sobre as práticas da sala de aula, disse que os exercícios de caligrafia eram semanais e não tinham caráter de punição.

Expressar-se corretamente por escrito e de forma legível era importantíssimo (mais do que verbalmente) porque, diz J.I. Roquette em seu Código do Bom-Tom, "*scripta manent*"<sup>3</sup> – a escrita permanece. E predica sobre o que chama de comunicação epistolar

Admirável invento que aproxima os ausentes dos presentes, encurta as distâncias, mitiga as saudades, adoça o dissabor da separação, estreita os vínculos da amizade, nutre n'alma o fogo da esperança, e ainda depois da morte conserva um monumento durável da afeição e ternura com que dois corações se amaram.<sup>4</sup>

Entretanto, para que tal comunicação - essencial para uma pessoa que deseja ser reconhecida como polida, bem criada e educada - se dê a contento, recomenda por primeiro "aos filhos" escrever claramente, com boa letra:

<sup>2</sup> Entrevista realizada em 1997 faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Bom Jesus.

<sup>3</sup> Roquette, JI, organizado por Lilia Moritz Shwarcz. 1997: 267.

<sup>4</sup> Id. Ibid. p. 266.

Se não soubesse que tendes boa letra, a primeira coisa que vos diria é que, antes de entrar em comércio epistolar com alguma pessoa respeitável e autorizada era preciso que aprendêsseis a escrever, se não perfeitamente pelo menos de um modo inteligível, porque as pessoas a quem escreveis não estão obrigadas a adivinhar o que lhes quereis dizer ou a perder o seu tempo a decifrar o que lhes escreveis.<sup>5</sup>

A caligrafia era uma atividade usual<sup>6</sup> nas escolas e declaradamente servia para exercitar a mão na tarefa capacidade de produzir uma escrita homogênea, harmônica e elegante. A caneta esferográfica ainda não existia, “*escrevia-se com caneta-tinteiro. Algo que, para o bom uso, exigia paciência, certa destreza e, sobretudo cautela. O perigo de sujar papéis, mesas e roupas era sempre iminente. Enfim, escrever, no passado pré-caneta esferográfica, dava trabalho*”<sup>7</sup> Imagine-se o empenho que devia ser posto em preencher os cadernos de caligrafia para levar essa tarefa a bom termo.

O caderno de caligrafia<sup>8</sup>, objeto desse trabalho, fazia parte do material escolar dos alunos das quartas séries da Escola Duque de Caxias em 1943. Ele mede 23 x 16 cm, 16 folhas, com 13 linhas duplas em cada página. A capa, em papel rosa, traz impresso em preto os logotipos da Escola Duque de Caxias e da Editora Pão dos Pobres. Escrito a caneta-tinteiro traz o nome da aluna e o uso que terá, nas linhas pontilhadas destinadas a esse fim.

Todas as páginas foram preenchidas com letra cursiva e trazem uma “nota”, um valor atribuído pelo professor que não guarda relação aparente com a qualidade do trabalho realizado pela aluna. Não foi possível estabelecer nenhuma regularidade entre a avaliação do professor e alguma característica, erro ou borrão do caderno de caligrafia. A nota parece ser atribuída de maneira arbitrária.

Em cada folha do caderno uma frase era apresentada pelo professor e repetida, como é da natureza do exercício da caligrafia, da primeira à última linha pela aluna.

As frases que lemos no caderno algumas vezes carecem de sentido por terminarem abruptamente. A interrupção da frase e mesmo de uma palavra ao final da linha torna alguma delas incompreensíveis para nós que, provavelmente, eram significativas para os coetâneos. Algumas ainda são próximas a nós, como “*a preguiça é mãe de todos...*”<sup>9</sup> um ditado usado ainda hoje e por isso sabemos o final da frase como se escrito estivesse. Por outro lado, a frase “*onde não entra luz não entra...*”<sup>10</sup> não é mais de uso corrente<sup>11</sup> e não conseguimos depreender o que não chegou a ser escrito. Pelo teor dominante nas outras frases do caderno, pode-se especular sobre um provável caráter moralizante, mas é impossível sabê-lo. Pode ser uma modificação do provérbio de origem portuguesa “*Onde não entra o sol entra o médico*”, existente também em italiano, como também pode ser uma referência à luz do saber ou da fé.

Algumas frases são inteligíveis e não vão deixar de ser num futuro previsível, tal como “*Pedro Alvares Cabral desco...*”, que as crianças continuam lendo e escrevendo.

<sup>5</sup> Id. Ibid. p. 268

<sup>6</sup> O uso da caligrafia na sala de aula, não se opõe ao ideário escolanovista, dominante no período, ao contrário o reforça na medida em que segue a lógica da racionalidade, disciplinarização e da homogeneização. Ver Monarcha, 1989.

<sup>7</sup> Ferreira, 2004: 279.

<sup>8</sup> O exemplar pertence ao acervo da Prof. Lucila Maria Sgarbi Santos.

<sup>9</sup> Frase número 28 do caderno.

<sup>10</sup> Frase número 32 do caderno.

<sup>11</sup> Não conseguimos achar ninguém que pudesse completar o ditado.

Se algumas frases param no meio, outras continuam na página seguinte<sup>12</sup>, justamente as únicas que trazem nomes próprios e que aludem ao Presidente da República e ao Intendente do Estado, valorizando os grandes nomes da nação. Ressaltar esses políticos ilustres no cenário da época vai no sentido de uma história fundamentada nos “grandes homens” que mitifica os vultos históricos da nação e cria nas crianças o sentido de sua importância.

Encontramos assim que “*O presidente da República é o...*” “*Dr. Getúlio Dorneles Vargas*”, e que “*O interventor federal é o Tte. Cel...*” “*Ernesto Dorneles é gaúcho*”. Esse segundo conjunto se enquadra na campanha que o Rio Grande do Sul (mas não somente ele) desenvolvia para que os intendentes nomeados fossem naturais do estado.

Além disso, essa frase, formada pelas linhas de duas páginas diferentes, é datada: o Tte. Cel. Ernesto Dornelles<sup>13</sup> foi intendente no período de 11/9/1943 a 1/11/1945 o que permite estabelecer que a referida frase foi escrita depois da posse do intendente, entre setembro de 1943 e o final do ano letivo.

O conjunto de trinta e duas frases “casuais” do caderno de caligrafia foi por nós inventariado e as sentenças agrupadas conforme o seu conteúdo. Nesse processo identificamos três categorias: frases cívicas, frases moralizantes, frases neutras.

Classificamos como cívicas as frases que trazem idéias nacionalistas e ufanistas, ressaltando a beleza, a pujança e a natureza sem par. Frases que produzem sentimentos de orgulho, de pertencimento e civismo como a que ocupa a terceira página do caderno, “*A nossa pátria é rica e bela*”. Essas idéias estavam no ar, talvez através dos programas de rádio desse período, de que fala Chauí<sup>14</sup>. A essa primeira frase seguem-se outras de mesmo caráter<sup>15</sup>: “*Salvemos a nossa pátria*”, “*Brasil capital Rio de Janeiro*”, “*O Brasil é meu paiz*”, “*O presidente da República é o ...*”, “*Dr. Getúlio Dorneles Vargas*”, “*Amazonas capital Manaus*”, “*O interventor federal é o Tte. Cel...*”, “*Ernesto Dorneles é gaúcho*”, “*O Brasil é o maior da América*”, “*Pedro Alvares Cabral desco...*” “*Quem não ama sua pátria é...*”, “*Ama com fé e orgulho a tua pa..*”.

Esse bloco pode ser subdividido em dois: um conjunto de frases generalizantes relativas ao orgulho e à grandeza da pátria e do Brasil e outro relativo a conhecimentos geográficos e históricos como a capital do Amazonas ou o nome do presidente da república. O primeiro pretende um efeito direto: ama tua pátria, o segundo parece trazer identificação e integração: conhecer para amar. Ambos buscam produzir sentimentos de pertença. Nesse sentido, escreve Souza que neste período “*a educação passa a ser vista como instrumento de construção da unidade nacional*” que deveria ser instituída e mantida “*a partir da incorporação e/ou eliminação de elementos heterogêneos e estranhos ao projeto de nacionalidade proposto pelo Estado Novo*”. (2004, p.104)

Todas essas frases devem ser entendidas no contexto da Era Vargas, da Segunda Guerra Mundial e dos efeitos nacionalistas que ela produz na sociedade brasileira. No ano de 1942 havia manifestações nas ruas exigindo que o Brasil declarasse guerra às potências do Eixo o que aconteceu em 31 de agosto. Os habitantes de Bom Jesus, como todos os brasileiros, ouviram pelo rádio que o Brasil declarava guerra aos países do Eixo:

<sup>12</sup> Quando as frases aparecem diferentes a cada linha - “cabendo” mais progressivamente – reproduzimos aqui a frase mais longa.

<sup>13</sup> Gaúcho de São Borja e parente de Getúlio Vargas.

<sup>14</sup> Op Cit. p.2

<sup>15</sup> Reproduzidas aqui na ordem em que estão no caderno: 6, 7, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 22, 23, 29 e 31.

Em legítima defesa de nossa honra, fizemos o que nos cumpria. Declaramos o estado de beligerância com os agressores e nos tornamos aliados das nações que defendem os princípios da lealdade e a autodeterminação dos povos, contra os que preferem a política de presa. [...] não desejávamos a guerra. Tivemo-la, entretanto, e o que agora nos cabe fazer está na consciência de todos os brasileiros. (Silva, 1980, p.61)

Em seu depoimento, Rosa valoriza o traço patriótico do perfil do professor Telatin, “...ele era muito patriota.”, diz também que o professor tinha um sotaque estrangeiro carregado e enfatiza seu civismo “...se hasteava a bandeira todos os dias” e “...se cantava o Hino em todas as datas comemorativas”. Isso corrobora Chauí quando afirma:

durante o Estado Novo (1937-45), a luta contra a dispersão e a fragmentação do poder enfeixado pelas oligarquias estaduais (ou a chamada "política dos governadores") e a afirmação da unidade entre Estado e nação, corporificados no chefe do governo, levaram, simbolicamente, à queima das bandeiras estaduais e à obrigatoriedade do culto à bandeira e ao hino nacionais nas escolas de todos os graus. (Chauí, 2000, p.37)

Em 1943, ano em que Rosa Maria Rosa preencheu seu caderno de caligrafia, a FEB foi estruturada. Em 1944 o Brasil enviou as primeiras tropas para a guerra na Europa. Estando o país em guerra, pode-se pensar que as frases de conteúdo patriótico cumpriam duplo papel: desenvolver nos alunos o sentimento patriótico e reafirmar para o professor italiano, seu próprio pertencimento e lealdade à pátria de adoção.

Sem esquecer as muitas e diferentes maneiras de apropriação possíveis por parte das crianças, pode-se dizer que no caso da aluna Rosa Maria Rosa, informante nesse artigo, o professor Telatin parece ter tido sucesso em desenvolver nos alunos o sentimento patriótico. O teor do caderno de caligrafia pode ser reconhecido no discurso por ela escrito e declamado na solenidade do dia da bandeira em 19 de novembro de 1943, que a autora guarda até hoje.

### À bandeira

O auri - albi - esuleo verde  
de panno.

Seus emblema, pueris-  
ma bandeira is, (o, r, p, b, o) o  
símbolo amado e soliza-  
no da grande e livre terra  
brasileira! em tuas cores  
varias simbolizas toda a  
grandeza do Brasil. É quan-  
do no alto tremulas, ao sa-  
lor das brisas. Tiram

quarenta milhões de almas  
pulsando verde... esperança  
verde a cor que inunda a  
selva em banho esmeral-  
dado. Concreta promessas  
de fartura é a cor fecunda  
com que a seiva alquimis-  
ta tinge a terra! Amarelo  
o ouro fubro, o trigo louro,  
bolacação simbólica que in-  
dica quando esta pádua  
é dadiosa e risa na tua  
ríspid e elosão de um so-  
nho de ouca! Azul... resen-  
dade, céus escuras gran-  
fados de rutilas estrelas o

e dadiosa e risa na tua  
ríspid e elosão de um so-  
nho de ouca! Azul... resen-  
dade, céus escuras gran-  
fados de rutilas estrelas o

trecho azul, lembra a  
moite pelas solidões imor-  
tas de nossos campos!

Branco... harmonia a paz  
concordia... a lista bran-  
ca, que sobre o globo azul  
se encurva é um hino  
do ao Amoe que em doce  
curva abraça o mundo  
em fraternal conquista

O auri - albi esuleo - verde  
pano que amortalhas as gló-  
rias do passado, todos te  
clamam como soberano  
farrapo de Ideal! Trápa so-  
gado

No discurso reproduzido acima<sup>16</sup> a autora realça as qualidades pátrias representadas na bandeira nacional. Alinha chavões e superlativos, cores e adjetivos para dizer que a terra é rica, a natureza é generosa e o quanto essas características estão bem simbolizadas nas cores do “*pano sagrado*”, expressando o fundo patriótico que permeia tantas das frases da caligrafia.

Sob a designação de moralizantes, reunimos as frases que ressaltam positivamente atitudes desejadas e desabonam comportamentos considerados inadequados, como “*Devemos aproveitar bem o tempo*”, frase encontrada na primeira página do caderno. Na seqüência aparecem<sup>17</sup>: “*Devo fazer silêncio na escola*”, “*O aluno obediente é estimado*”, “*Devemos fazer silêncio na aula*”, “*Devo atender mais o professor*”, “*Em silêncio aprenderas com mais faci...*”<sup>18</sup>, “*Faça o bem sem olhar a quem*”, “*O menino mentiroso é feio*”. “*Jesus Cristo morreu na cruz*”, “*Resai de manhã e a noite*”, “*A melhor bebida é a água pura*”, “*Devemos respeitar as pessoas ido...*”, “*Falem pouco e estudem muito*”, “*A preguiça é mãe de todos ...*”, “*Os países civilizados são os mais*”, “*A mentira é um grande mal*” e “*Onde não entre luz não entra...*”<sup>19</sup>

Nessa relação, assim como na anterior, também se pode identificar duas vertentes, uma relacionada diretamente à escola e com o comportamento de um bom aluno, “*Devo fazer silêncio na escola*”, “*O aluno obediente é estimado*”, “*Devemos fazer silêncio na aula*”, “*Devo atender mais o professor*”, “*Em silêncio aprenderas com mais faci...*”, “*Falem pouco e estudem muito*” e outra vertente, relacionada ao cotidiano, prescrevendo quais atitudes são esperadas de um bom cidadão.

O bom aluno deve fazer silêncio, prestar atenção, respeitar o professor, ser obediente. O bom cidadão não deve mentir, deve rezar, ser temente a Deus, ser bondoso, respeitador e livre de vícios, qualidades há muito apreoadas pelos contos moralizantes de Perrault e dos Irmãos Grimm, que transpõem os limites da Europa moderna.

Consideramos neutras as frases que não têm uma intencionalidade aparente, são elas<sup>20</sup>: “*A gaivota segue o vapor*” e “*O Itagiba é um avião gaúcho*” que parecem meramente descritivas. Apesar disso, até onde pudemos determinar, o Itagiba não é o nome de um avião gaúcho, mas sim o nome de um dos navios brasileiros<sup>21</sup> afundados no ano anterior, episódio que acirrou a opinião pública e precipitou a entrada do Brasil na guerra<sup>22</sup>.

Em alguns casos a classificação é simples e evidente, em outros foi necessário recorrer a contextualização histórica para identificarmos os fatos e personalidades que estavam em destaque na época, para assim fazer inferências e tentar entender de forma mais específica seu sentido.

O ideário escolanovista dominante neste período, segundo Monarcha

[...] procurou mobilizar política e ideologicamente as classes sociais em torno de uma mesma questão: a superação do atraso nacional e o ingresso

<sup>16</sup> O original integra o acervo da Prof. Lucila Maria Sgarbi Santos.

<sup>17</sup> Reproduzidas aqui na ordem em que estão no caderno: 2, 4, 5, 8, 12, 17, 18, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 30 e 32.

<sup>18</sup> Algumas vezes as frases não cabem inteiras na página, a cada linha aparecem diferentes “cabendo” mais progressivamente. Nesses casos reproduzo a frase mais longa

<sup>19</sup> Presumimos a intenção moralizante apesar da interrupção da frase não permitir adivinhar o final, pode ser uma adaptação do provérbio de origem portuguesa “Onde não entra o sol entra o médico”, que também existe em italiano, como também pode ser uma referência à “luz do saber”.

<sup>20</sup> Reproduzidas aqui na ordem em que estão no caderno: 13 e 19.

<sup>21</sup> O Itagiba foi torpedeado e afundou em 17 de agosto de 1942.

<sup>22</sup> Cinco navios brasileiros foram afundados em agosto de 42 por submarinos, quase 600 pessoas morreram nos naufrágios.

no moderno. À pedagogia cabia gerar uma nova forma de sociabilidade, compatível com os ideais da racionalidade e produtividade. (1989, p.19)

Que melhor meio para alavancar esse conjunto de intenções que a escola?

A construção do Estado Racional tornou-se estratégica para os pioneiros da educação renovada, pois a partir dele tornava-se possível empreender a reordenação e a disciplinarização, banindo tudo o que é fragmentário, heterogêneo e contraditório. Ao Estado racional ou positivo, concebido como entidade fria e neutra, pólo universal, cabia administrar as classes hostis e egoístas, que, perseguindo interesses individuais produziam uma crescente instabilidade social. (id. Ibid.)

Os diferentes espaços da escola são campo fértil na formação da desejada “consciência nacional”. Unificada em torno de um só pensamento, sem as fragmentações e desajustes tão condenados pelo Estado Novo, a escola traz possibilidade de implementação desse ideário em todos os espaços que potencialmente se tornam espaços de formação da racionalidade moderna. O caderno de caligrafia na perspectiva por nós analisada confirma essa suspeita na medida em que faz da intencionalidade de repetição mecânica com fins técnicos, um lugar de doutrinação em função de outros objetivos que vão além do caráter meramente “anatômico” da escrita.

As frases por nós analisadas no caderno como um todo, remetem a várias possibilidades de estudo, a opção por seu conteúdo foi apenas uma dessas possibilidades. Do total de trinta e duas frases dezesseis têm caráter moralizante, doze tem caráter cívico e duas são as qualificadas como neutras, esses números mostram justamente que o professor Telatin, além do objetivo de tornar a escrita “parelha” e “mais bonita”, não desprezava a oportunidade de, através do conteúdo das frases designadas para o exercício da caligrafia, imprimir nos alunos sentidos, formas de ser e de pensar.

O exercício mecânico da caligrafia somado aos conteúdos transmitidos encontrados nas frases utilizadas nesse caderno pretende a formação de cidadãos e trabalhadores capazes de contribuir para a “grandeza da nação”.

O caderno de caligrafia de Rosa Maria Rosa possibilita refletir sobre como, a partir de práticas escolares, se dá a produção de um sujeito com virtudes cívicas e patrióticas, numa cidade do interior do Rio Grande do Sul, em um período emblemático da política de nacionalização do ensino. Oferece também a possibilidade de se perceber como o mundo se inscreve na sala de aula, colocando personalidades e “fatos” da história - Getúlio Vargas, Ernesto Dorneles, o navio Itagiba – na tarefa repetitiva da caligrafia.

Imprimir nos alunos sentidos, formas de ser e de pensar é nesse tempo, tarefa a que a escola se dedica com afinco. O caderno de caligrafia serve a um currículo, mais do que isso traz um discurso que produz seu próprio objeto, selecionado a partir do contexto histórico, com interesse em formar uma determinada identidade, de aluno e de cidadão.

Afinal qual o sentido da caligrafia na forma como está posta no material analisado? Num primeiro momento, sem maiores reflexões, seu intento é o de somente exercitar a letra tornando-a bonita, de acordo com a própria etimologia da palavra, *cali=bonita* e *grafia=letra*. Ao trabalharmos o conteúdo das frases, no entanto, o universo do caderno aponta para outras formas de análise. Seu conteúdo representa uma tentativa, consciente ou não, por parte do professor, de produzir um bom aluno e cidadão com características desejáveis no contexto social da época.

Em que medida pode-se afirmar que os alunos da Escola Duque de Caxias compartilharam do desejo de seu professor? Para Chartier<sup>23</sup> a produção de sentido está vinculada a “[...] *uma relação dialógica entre as propostas do texto e as categorias interpretativas de seus leitores*”. Assim como a D. Rosa, os outros alunos que fizeram caligrafia foram protagonistas de inúmeras digressões, independente da vontade do professor, nesse diálogo entre o sentido desejado por ele e o sentido dado pelos próprios alunos a essa prática.

Cadernos de caligrafia são ainda fabricados, vendidos e preenchidos. Que frases ocuparão as linhas dos cadernos de caligrafia em 2006?

Crianças nas séries iniciais, principalmente no processo de alfabetização exercitam neles uma “melhor escrita”. Em muitas escolas, os cadernos de caligrafia ainda fazem parte das listas de material escolar do começo de cada ano, não obstante as opiniões sobre seu uso estarem longe da unanimidade.

Essa *fôrma*, onde a escrita se desenrola e conforma, fica gravada não na nossa pele, mas em nossos gestos, em nossos olhos, em nossa memória. Como diz Benjamin, “*a mão pode ainda sonhar com essa manipulação (do jogo das letras), mas nunca mais poderá despertar para realizá-la de fato*”<sup>24</sup>.

### Bibliografia

- ABREU, Ennio Farias e ABREU, Marisa da Costa, *Bom Jesus - histórias de uma cidade*. Caxias do Sul: UCS-EST, 1977.
- ABREU, Ennio Farias e ABREU, Marisa da Costa. *Bom Jesus – duas épocas*. Caxias do Sul: UCS-EST, 1981.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II – Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CHARTIER, Chartier. *Formas e sentido cultura escrita: entre discussão e apropriação*. Campinas: Mercado das letras, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Ed Fundação Perseu Abramo, 2000.
- FERREIRA, Jorge. Ao mestre com carinho, ao discípulo com carisma: as cartas de Jango a Getúlio in *Escrita de si, escrita da história*. Angela de Castro Gomes (org). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004
- MONARCHA, Carlos. *A reinvenção da cidade e da multidão*. São Paulo: Editora Cortez, 1989.
- ROQUETTE, JI, *Código do Bom-Tom, ou Regras da civilidade e do Bem viver no século XIX*. Organizado por Lilia Moritz Shwarcz. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- SANTOS, Lucila Sgarbi e BARROSO, Vera Lúcia Maciel (orgs.). *Bom Jesus na rota do tropeirismo no Cone-sul*. Porto Alegre: EST, 2004.
- SILVA, Hélio e CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *O pensamento político de Vargas*. Porto Alegre: Editora LP&M, 1980.

<sup>23</sup> Chartier, 2003:8.

<sup>24</sup> Benjamin, 1993:105.

SILVA Tomas Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Autoritarismo, Cultura e Identidade Nacional (1930-1945)*. In: História da Educação, vol. 8, nº 15. Pelotas: Fae/UFPel, 1997.

### **Documentos**

Entrevistas de Rosa Maria Rosa e Clotilde Graziottin depositadas no Acervo de Memória Oral do Arquivo Histórico Municipal de Bom Jesus.

Caderno de Caligrafia de Rosa Maria Rosa acervo da Prof<sup>a</sup> Lucila Maria Sgarbi Santos.

Discurso do Dia da Bandeira de Rosa Maria Rosa acervo da Prof<sup>a</sup> Lucila Maria Sgarbi Santos.